

Arsélio e Tomás são o melhor da escola

Desta vez foi o aluno a fazer as perguntas difíceis

Este ano lectivo as notícias sobre professores, alunos e escolas têm sido diárias. De entre elas escolhemos para as actualidades da *Educação Matemática* nº 100 a entrevista, capa da *Pública* do último domingo de Setembro, que junta o professor Arsélio Martins e o aluno Tomás Fidélis na escola, a sua escola. A escolha prende-se com o facto de o Arsélio, presidente da nossa Associação, homem de ideias e convicções fortes, nos levar, através das respostas dadas ao aluno, a relembrar o passado e a projectar o futuro na Educação e na Matemática, pacificando-nos com a nossa profissão.

Vários temas fluíram ao longo da entrevista. De entre eles destacamos a re-tenção, recentemente alvo de um parecer do Conselho Nacional de Educação em que se recomenda que o Ministério da Educação estude soluções adoptadas noutros países que encontraram alternativas às repetições, obtendo bons desempenhos por parte dos alunos e resolvendo os problemas do insucesso.

Os alunos e os professores estiveram no centro desta conversa, pelo que se transcrevem duas das perguntas que a eles se referem.

“Qual é que acha que é a melhor qualidade de um professor? A melhor qualidade de um professor é ter aprendido bastante para saber que sabe muito pouco. E saber que é muito importante que a geração seguinte seja melhor que ele. (...) A minha mãe dizia assim: “Eu quero o melhor para os meus filhos”. Os professores devem ter esta pulsão como fundamental. (...) Um professor que também não consiga ligar a sua disciplina a um conjunto mais vasto de saberes é muito pobre e faz com que os estudantes sejam pobres. Tem de ir ao contratempo, participar na vida social, ter as suas ideias.”

“Como é que o professor Arsélio mudava e melhorava a relação dos alunos com o ensino da Matemática? Só tenho uma hipótese. Continuar a fazer o meu trabalho. Abraçar os alunos quando é caso disso, ralar com eles quando é necessário. E tentar com todos os exemplos à minha disposição, mostrar que a Matemática é uma coisa de importância vital. A minha posição é esta: quando uma pessoa pensa que uma coisa é importante tenta aprendê-la e fazê-la bem. Todos os alunos que são maus a Matemática fazem muitas coisas bem. Porquê? Porque para eles são coisas importantes. A Matemática é que não é uma delas. O problema é de cultura. Os pais não entendem isto e desculpam a fal-

ta de cultura científica. Quando perceberem que é vital, vão aprendê-la. Não pode ser feito de outra maneira.”

Esperamos que a entrevista tenha sido tão significativa para os leitores da *Pública*, quanto o foi para nós, professores de Matemática, sócios da APM.

(http://www.prof2000.pt/users/jpmath/publico/PUBLIC02008_edicaodia_28-09_Publica.pdf).

Manuel Pires

Nuno Candeias

